

Teresa Pinheiro

Do grito à palavra

Um percurso ferencziano

2ª edição

Blucher

DO GRITO À PALAVRA

Um percurso ferencziano

Teresa Pinheiro

2ª edição

Do grito à palavra: um percurso ferenciano

© 2025 Teresa Pinheiro

Editora Edgard Blücher Ltda.

1ª edição – Título original: *Ferenczi: do grito à palavra*. Jorge Zahar Editor/
Editora UFRJ, 1995

2ª edição – Blucher, 2025

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coordenador da série Flávio Ferraz

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Andressa Lira

Produção editorial Luana Negraes

Preparação de texto Regiane da Silva Miyashiro

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Maurício Katayama

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico*
da Língua Portuguesa, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Pinheiro, Teresa

Do grito à palavra : um percurso ferenciano /

Teresa Pinheiro. – 2. ed. – São Paulo : Blucher, 2025.

128 p. (Série Psicanálise Contemporânea / coord. de
Flávio Ferraz)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2487-7 (impresso)

ISBN 978-85-212-2484-6 (eletrônico – Epub)

ISBN 978-85-212-2485-3 (eletrônico – PDF)

1. Psicanálise. 2. Trauma psíquico. 3. Ego
(Psicologia). 4. Psicolinguística. 5. Interiorização.
6. Relações de objeto (Psicanálise). 7. Ferenczi, Sándor,
1873-1933 I. Título. II. Ferraz, Flávio. III. Série.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise CDU 159.964.2

Conteúdo

Prefácio – Uma fonte de água pura <i>Jurandir Freire Costa</i>	7
À guisa de introdução: viagens ferenczianas	17
1. As noções fundamentais na obra de Ferenczi	23
2. A teoria do trauma e a traumatogênese	55
3. As técnicas	89
À guisa de epílogo: o personagem	103
Referências	109
Posfácio <i>Julio Sergio Verztman</i>	115

Prefácio

Uma fonte de água pura

Jurandir Freire Costa

Depois de ler este estudo sobre Ferenczi, uma imagem surge de imediato: em psicanálise, definitivamente, o Danúbio é azul. É impressionante como Freud e Ferenczi anteciparam e discutiram quase todos os enigmas que ainda hoje fazem da psicanálise algo digno de ser pensado e praticado. Em grande parte, isso se tornou visível pela tática de exposição escolhida pela autora. Teresa venceu a tentação fácil de dizer qual o verdadeiro Ferenczi. Conduziu-se como analista, dando, prioritariamente, a palavra a quem de direito. Ferenczi fala e Teresa acompanha. Vez por outra, pontua brechas e relevos da teoria, mas o faz com a discrição de quem não precisa mostrar que sabe, justamente porque sabe. Resultado: a leitura flui, o texto toma vida, cresce, ganha força e chega até nós com uma surpreendente atualidade.

Para os crentes na “cientificidade da psicanálise”, Ferenczi é, certamente, uma decepção. Nenhuma dedução lógica necessária, a partir de axiomas; nenhum compromisso com a distinção “compreender vs. explicar”; nenhuma preocupação com critérios fixos que diferenciem “enunciados que dizem o que a coisa é” de “enunciados que dizem como a coisa deve ser” etc. Uma só intenção move

Ferenczi; um único imperativo orienta sua teoria: o imperativo ético. O que fazer diante do desamparo; o que fazer com quem sofre e não pode saber do que sofre; o que fazer quando dependemos da linguagem para ser o que somos, embora venha dela o que nos traumatiza! Diante de perguntas como essas, Ferenczi não hesita: experimental! Faz, desfaz e refaz. Pensa no impensado, retifica o que pensou, duvida das certezas, e a soma é uma magnífica peça de invenção teórica e sensibilidade clínica. Na mais fiel tradição freudiana, Ferenczi saiu em busca do trauma perdido, transformando dores proustianas em esperança de uma psicanálise melhor.

Querer falar de toda originalidade de Ferenczi seria reescrever o livro, e não o prefaciá-lo. Disso, Teresa encarregou-se. Resta, portanto, acentuar alguns tópicos que julgo importantes. Desde o início, suas noções teóricas foram de encontro ao senso comum psicanalítico. A genitalidade, dizia ele, é um reagrupamento “regressivo” das pulsões parciais! A sexologia do século XIX e o que dela persistia no pensamento de Freud vinham abaixo. A “normalidade sexual” psiquiátrica ou de muitos psicanalistas era virada de ponta-cabeça. Algo mais além do sexo era buscado, desejado, desesperadamente perseguido: o oceano perdido. Vê-se, aqui, como a postulação de um objeto, situação ou relação inicial, enquanto primeiro motor do funcionamento psíquico, anuncia as futuras teorias de Balint ou Winnicott. O sexo e o sexual – cujo descentramento genital Freud enfatizara – torna-se meio, e não fim, de processos, estados, sentidos ou movimentos mentais. Antes da pulsão de morte freudiana ou do gozo lacaniano, Ferenczi entendera que o sexo não é o fim do umbigo ou o código Ur de toda experiência humana.

Em seguida, vieram suas conhecidas oposições binárias: *processo vs. fantasia*; *introjeção vs. incorporação*; *ego como formação narcísica vs. ego como formação ou inserção simbólica*; *traço vs. não traço*; *paixão vs. ternura*; *adulto vs. criança*; *verdade vs. mentira*; *trauma vs. desmentido* etc., até a polaridade *sabedoria vs. hipocrisia*,

núcleo nevralgico da técnica. Tudo começa com a introjeção. Sem necessidade de recursos exteriores ao vocabulário psicanalítico, Ferenczi dizia o que demorou tanto para ser mais bem entendido: o ego é feito de linguagem. O que nos afeta pode ou não ser linguagem, e, sendo linguagem, pode ou não “ter sentido ou fazer sentido”. Mas sendo ou não linguagem; tendo ou não sentido, tem de tornar-se “causa linguística” para poder funcionar e ser reconhecido como “causa inconsciente” dos sintomas.

Em meu entender, essa é a grande novidade do conceito de introjeção. À primeira vista fácil de ser compreendida, a introjeção requer uma atenção teórica maior do que se pensa. Nela concentro, fundamentalmente, o comentário sobre este trabalho. Ferenczi, mostra Teresa, diz que o objeto-causa da constituição ou alteração egoica é, em condições normais, “introjetado”. E, quando não pode seguir sua trajetória de introjeção, é “incorporado” de forma patologicamente traumática. Isto é, sabendo ou não, querendo ou não, a criança age como o tradutor ou o intérprete radical, imaginados por Quine e Davidson.¹ Sem dispor de um manual de tradução ou de um dicionário, tem de entender a língua do adulto para sobreviver. Busca, então, dar sentido aos acontecimentos, ao que aparece como vindo de fora, com os instrumentos que lhe são fornecidos pelo próprio adulto.

Até aí, tudo parece apenas repetir Freud, mas Ferenczi vai adiante. Freud persistia atado a um certo realismo naturalista, herdado do século XIX, e, por isso, oscilava quanto à interpretação do que ocorria no processo de formação do ego da criança. Em certos momentos, acreditava que a criança tinha um “dicionário” embutido no próprio corpo. O “dicionário” tinha dois verbetes, o

1 Costa, J. F. (1994). Pragmática e procesos analíticos: Freud, Wittgenstei, Davidson, Rorty. In Costa, J. F. *Redescrições da psicanálise: ensaios pragmaticos* (pp. 9-60). Relume Dumara.

“prazer” e o “desprazer”, que forneciam o código para discriminar o sentido do “bom” e do “mau” vindos do mundo exterior. O “bom” era introjetado e tornava-se “eu”; o “mau” era projetado e tornava-se “outro”. Em outros momentos, seguia o veio mais criativo de sua doutrina, fazendo da identificação ao outro a matriz linguística da construção egoica.

Ferenczi radicaliza essa segunda intuição. Faz do ego da criança um produto de decantação dos enunciados proferidos pelos adultos. Porém, ao contrário de tradutor/intérprete da semântica formal ou da pragmática de Quine e Davidson, a criança e o adulto ferenczianos são sujeitos psicanalíticos. Ou seja, são sujeitos divididos, e não sujeitos racionais, idênticos a si mesmos, deliberadores, conscientes e cujas crenças sobre o mundo são verdadeiras na maioria dos fatos e na maioria dos casos. Ferenczi, portanto, mostrou que o ego nas origens é produto da linguagem do outro e, além disso, tem de interpretar o sentido do que o outro faz e diz, sem contar com a certeza de que aquilo que é feito ou dito é verdadeiro! Conforme Quine e Davidson, para que possamos entender o que o outro diz, temos de pressupor que o que ele diz “é verdade”, mesmo quando mente. Pois, ao mentir e saber que está mentindo, o outro sabe que “é verdade que está mentindo”. Em psicanálise, a ideia de sujeito inconsciente introduz um problema a mais. O sujeito pode acreditar que diz a verdade e, simultaneamente, dizer ou fazer coisas que contradizem a verdade afirmada, sem estar consciente da contradição.

A questão da introdução procura dar conta das consequências psíquicas desse funcionamento da linguagem na constituição das relações intersubjetivas da criança com o adulto. E, para que isso possa ser feito, Ferenczi introduz duas noções fundamentais na psicanálise. A primeira se relaciona à independência lógica do sentido, com respeito à suposta identidade ou realidade em si do objeto que lhe serve de referência. Dito de outro modo, não existe relação

necessária entre palavras e coisas. Numa metáfora usada contra o “realismo ingênuo” de certas interpretações da psicanálise, Teresa, retomando Ferenczi, afirma: “não basta só apontar para receber o desejado. Pior do que isso, pode vir a coisa errada. Querendo Nescau, apontando a mamadeira e recebendo... água”. Na terminologia ferencziana, isso significa que “o objeto nada mais é do que o suporte daquilo que visa a introjeção”; na terminologia neo-pragmática da linguagem, isso significa que qualquer objeto pode ser causa ou referente de um sentido qualquer. Tudo depende do contexto relacional em que é descrito ou definido. Assim como a água e o Nescau, o “prazer”, o “desprazer” e a “sexualidade” são sentidos, pensados ou desejados como o são, ou seja, como água, Nescau, prazer, desprazer e sexualidade, pela ação da “introjeção”. Introjeção e produção de sentido são sinônimos. E, como será visto logo mais, o insucesso da introjeção depende da fixação do que não pode ser fixado, isto é, do sentido e dos contextos que permitem dar “sentido” aos acontecimentos. A “incorporação” e o “trauma” surgem quando o caráter holístico, relacional e aberto à pluralidade do “sentido” é imobilizado pelo desejo do adulto.

A segunda noção concerne ao móvel ou ao motor da introjeção. O que poderia levar a criança a “interpretar” ou “introjetar” o que lhe ocorre, por meio da atribuição de sentidos à experiência? Ferenczi não recorre a nenhum referente metafísico, sujeito ou corpo, anterior à formação linguística do universo mental. Introjeção é a palavra que descreve como se institui e como funciona o aparelho psíquico. Ou, acrescento com Davidson e Rorty,² é aquilo que diz como é criado e retocado o sujeito enquanto rede de crenças e desejos. Não existe distância lógica ou fenomenológica entre o sujeito e as introjeções. Sujeito é aquilo que introjeta e aquilo que é introjetado. E se a criança introjeta compulsoriamente o que lhe afeta, é

2 *Op. Cit.*

porque existe uma “força libidinal” que, por esse meio, enfrenta a condição da precariedade humana, figurada na luta entre a vida e a morte. Nesse ponto, de novo Ferenczi aproxima-se de Freud. Pelo menos do Freud posterior à *Inibição, Sintoma e Angústia*. Assim como, em Freud, o Eros criava o aparato linguístico como defesa contra a pulsão de morte, as introjeções ferenczianas são a própria condição da existência do sujeito. O sujeito precisa do sentido para viver, porque é um organismo que tem, na habilidade de falar, um dos meios indispensáveis para sua sobrevivência.

Hoje, algumas dessas ideias ou discussões parecem triviais, sobretudo depois de Lacan, seus interlocutores, comentadores e divulgadores. No período inicial da psicanálise, o salto teórico era enorme. A noção de introjeção e produção de sentido como atividades constitutivas do aparelho psíquico renovava a teoria de modo inusitado. Primeiro, atribuía à fala dos adultos um relevo que não havia sido até então notado; segundo, sofisticava a argumentação psicanalítica de uma forma que só agora podemos, talvez, perceber. A definição de trauma como “introjeção impossível” ilustra o que quero dizer. Para Ferenczi, o trauma era o produto de um *desmentido* do adulto, a existência da *paixão* com que respondeu à demanda de *ternura*, por parte da criança. Nesse instante, diz ele, o sentido do acontecimento é congelado. A criança não pode mais pensar no que lhe aconteceu, exceto sob o modo da culpa e da autoagressão recriminatória. A “representação” do agressor é “negativamente alucinada”, e o que devia ser acusação, revolta, transgressão, contestação ao outro etc. torna-se submissão ou sintomas corporais.

Conclusão: só existe trauma quando existe uma interpretação do acontecido que impede sua redescritção. Traumática é toda redescritção forçada do outro; toda imposição de sentido que inviabiliza a possibilidade que o outro tem de redescrever o que é, o que sente e o que lhe acontece, segundo interpretações diversas da

que provocou a inibição da introjeção. Em outros termos, a fala do adulto pode paralisar a abertura identificatória do sujeito-criança, obrigando-o a clivar-se e a vetar outras possibilidades de redescrições do que aprende a chamar de “si mesmo”. A ternura que podia ser introjetada como “lúdica”, pelo desmentido, é convertida em “trauma passional”, com todas as consequências de culpa, pessimismo, docilidade depressiva, dúvidas quanto à confiança possível no outro etc., que Ferenczi tão bem descreveu.

No entanto, ao contrário do que se pode pensar, Ferenczi não defende nenhum idealismo linguístico, nem se contradiz na maneira como define a natureza do trauma. Explicitando de outra forma, a leitura ferencziana do traumatismo psíquico parece fazer duas afirmações contraditórias: o acontecimento traumático é, simultaneamente, descrito como linguístico e não linguístico. Linguístico porque só há trauma quando há desmentido; não linguístico porque o trauma é um derivado da paixão do corpo sexual ou da pulsão. No entanto, o fato de o trauma ser explicado como efeito de um ato linguístico, isto é, de um desmentido, não significa que o que quer que esteja em sua origem seja necessariamente linguagem. Essa diferenciação epistêmica escapou a Ferenczi, como, aliás, também a Freud, quando abordou problemas similares. Acontece que, em minha opinião, Ferenczi distinguia “causa de um evento” de “justificação do evento”, sem dispor de conceitos que o ajudassem a esclarecer mais facilmente o que acreditava observar na clínica. Ele sabia que os referentes corpóreos da paixão do adulto eram a “causa” do traumatismo sexual da criança. Entretanto, o evento físico por si só não pode ser traumático ou não traumático. É apenas um estímulo cuja intensidade será ou não sentida e pensada como traumática, em função da intencionalidade consciente ou inconsciente que lhe é dada pelo adulto. A intensidade da “ternura” erótica infantil pode ser grande, e nem por isso deixa de ser lúdica.

Faltava a Ferenczi a ideia de que todo referente é inescrutável e toda interpretação indeterminada, até que uma teoria de verdade permita ao sujeito entender que “isto significa aquilo”, e reagir a essa crença conforme as regras morais por ela prescritas. A “causa passional” só se torna “referente” do trauma no momento em que adquire o sentido de “transgressão e culpa pela falta sexual”. E esse sentido surge quando a criança nota que o adulto quer negar o que aconteceu. Ou seja, causa não é o mesmo que justificação, nem tem que ter conexão lógica ou relação de conteúdo com seus efeitos. Um mesmo evento causal pode ter várias justificações ou várias interpretações. A relação lógica de conteúdo ou sentido entre o evento e seus efeitos só existe quando uma certa interpretação se impõe como sendo a verdadeira. É a partir daí que qualquer causa, linguística ou não linguística, tem que se tornar uma “razão” ou uma “intenção” inconscientes, capazes de efeitos performativos, como no exemplo do trauma que impossibilita a introdução.

No caso do traumatismo, a “causa-paixão” só se torna “sentido-paixão” porque se associa à mentira, ao desmentido, à culpa etc., e a dependência da criança face ao adulto obriga-a a aceitar essa versão do que aconteceu. Em outras culturas que não a nossa, a estimulação sexual de crianças por adultos aptos a se excitarem genitalmente com tal prática pode não ter o sentido de “traumatismo”, e sim de atitude psicológica estruturante, porquanto moralmente desejável. Todos conhecemos, por exemplo, o fato histórico das relações pederásticas gregas, tão discutidas por Freud, nas quais a estimulação sexual de crianças pré-púberes era, entre outras práticas, dada como modelo ético da educação do sujeito livre, autônomo e racional. Não precisamos mais do “dicionário do corpo” para entender as causas e as razões de nossos sintomas. Elas só são o que são quando entendemos o jogo de linguagem ou a realidade linguística de que são feitas.

Em suma, Ferenczi contornou os limites ou a escassez de seus instrumentos nocionais, insistindo pragmaticamente na teoria de verdade do “trauma” linguístico. A meu ver, acertou. A plausibilidade do que começou a enunciar revelou-se enriquecedora da compreensão que temos dos que foram ou são traumatizados. O medo; a ansiedade; a tristeza; a desconfiança quanto à intenção do outro; a obrigação de ser querido; o esforço de adivinhar o que o outro quer; a perene incerteza quanto ao amor de quem importa etc., tão presentes em certos quadros depressivos, fóbicos, obsessivos ou, mais simples e verdadeiramente, em tantos de nós ou como nós, mostram sua sensibilidade para nossa condição de desamparo radical e inelutável.

Sua saída, entretanto, não foi dizer, como Sartre, “o inferno é o outro”. Tampouco olhou, como T. S. Eliot, o psiquismo “devastado”, murmurando: “E eu disse à minh’alma, fica tranquila, e espera sem esperança, pois a esperança seria esperar pelo equívoco”. Como Freud, foi benevolente; diferente de Freud, nem foi pessimista nem cético. Desacreditar, para ele, significava aceitar a “sabedoria” da criança infeliz. Psicanálise, para Ferenczi, era uma profissão “severina”, e não “hipócrita”. Mesmo quando franzina, ela quer explodir em vida. Se o outro foi o “inferno”, crie-se, imagine-se, invente-se um outro! E, se esse outro ainda faltar, tente-se um outro “outro”! Pode sempre existir um outro do outro. E se isso exige o preço de “uma análise mútua”? Corra-se o risco! O analista só não pode repousar no conforto de espectador dessa triste e “sábia solidão”, que a dor obrigou alguns a conhecer. Ela é dura, cruel, louca e desumana. Psicanálise é cúmplice de Eros, não de pesadelos atrasados ou sonos feitos de infelicidade.

Teresa, com competência e delicadeza, convida-nos a ouvir um Ferenczi que é uma “fonte de água pura”. Pena não poder continuar

a rima de Paulinho da Viola. Mas, talvez um dia; talvez, talvez; talvez quem sabe, quem beber daquela água venha a ter menos “paixão” e mais “ternura”.



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Do grito à palavra

Um percurso ferencziano

Teresa Pinheiro

ISBN: 9788521224877

Páginas: 128

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
